

# de regresso à baixa

abel tavares

arquitecto

mestre assistente, faculdade de ciência e tecnologia,  
universidade fernando pessoa

[abel@ufp.pt](mailto:abel@ufp.pt)



Fig.01



Fig.02



Fig.03

**Fig.01, 02 e 03** | Fotografias do trabalho sobre Rua de Santa Catarina - "Arquitecturas Invisíveis", Cadeira de Semiário II. Autoria: José Carlos Santos; Ricardo Vaz; Eurico Almeida. Maio de 2004

## Resumo

O despovoamento das cidades está, actualmente, na base da desqualificação dos centros urbanos. A resposta a esta situação põe em evidência a inexistência de critérios e estratégias capazes de fazer face a uma situação que se agudiza, assim como revela a dificuldade de articular um discurso sobre uma matéria em constante mutação.

**Palavras-chave:** Cidade, despovoamento, desestruturação, planeamento e fluxos

O declínio de alguns centros urbanos, para além de constrangimentos decorrentes de conjunturas económicas desfavoráveis, é o resultado da ausência de estratégias claras de intervenção na cidade e de uma administração casuística, ao sabor de calendários políticos e de acontecimentos pontuais no espaço/tempo. A gestão de um espaço tão complexo, como é uma cidade, não acaba nos instrumentos de planeamento disponíveis, ainda que estes sejam um ponto de partida fundamental na análise crítica das realidades em presença e contribuam (dessa forma) para a elaboração de um quadro alargado de acções suficientemente polarizadores de sinergias. A navegação à vista sem objectivos claros abre a porta a alguns sectores da sociedade civil, assumindo estes o protagonismo, sedentos de tomar o pulso dos acontecimentos urbanos. Tanto melhor! Então este é um espaço apetecível.

No entanto, o que se observa é um crescente desinteresse em investir na cidade e quando isso acontece as mais-valias que daí poderiam provir para o espaço urbano não correspondem à sua qualificação.

A abordagem estanque, a partir de uma visão sectorizada do espaço urbano, resulta periódica e sistematicamente em intervenções pontuais desarticuladas, no espaço e no tempo. Este *modus faciendi* de (re)construir o espaço urbano corresponde à desestruturação da cidade, onde são os grupos económicos e sociais que, individualmente, vão intervindo à margem de qualquer estratégia. A emergência de objectos de referência procura restituir fluxos e dinâmicas dentro da cidade. A produção destes objectos arquitectónicos ou urbanísticos, que por vezes chegam a conferir identidade a alguns

espaços urbanos, não promove redes de fluxos nem dinâmica no espaço da cidade, porque são geradores de forças centrípetas, esvazia os espaços intersticiais. São peças singulares dentro da descontinuidade urbana. Esta tem sido a característica das propostas que periodicamente vem a público, sob a forma de produtos mediáticos e fortemente politizados e que ilustram o investimento, mais ou menos generoso, em objectos de referência num espaço cada vez mais descontínuo e vazio.

O tema central do esvaziamento dos centros urbanos, e aqui esvaziamento não se refere exclusivamente à população mas também aos conteúdos funcionais, está na densidade ou melhor na sua ausência e na organização nodal da cidade. A este fenómeno de crescimento concentrado e circunscrito dentro dos limites da cidade - efeito vácuo - estão associados fenómenos de degradação e inconsistência dos tecidos intersticiais, promovendo a já referida desestruturação urbana. Os mapas mentais da cidade alteram-se, as distâncias, vazias de acontecimentos, intimidam.

O tratamento epidérmico da dimensão física do espaço urbano não resolve nem contraria a sua desertificação; pelo contrário, enfatiza um espaço vazio, põe em evidência o inóspito, o que não está nem existe. Tão pouco se pode dizer que tais intervenções foram conquistas importantes para o espaço público, para o transporte público ou para os peões; aliás este continua a ser o último da hierarquia de prioridades. A população, chamada flutuante, (per)corre apressada um espaço que não lhe pertence. Mais do que um contributo para a requalificação urbana, as Praças e Ruas, objecto de projectos de superfície, prestam homenagem aos seus autores.

“[...], se andaram pelas ruas e estas vos gritaram coisas, os edifícios, os passeios, as praças, então isso significa que é um mau sítio, significa que passear por aí é um pesadelo, onde os objectos se tornaram estridentes, estão a chamar a atenção e simultaneamente estão a mostrar o tipo de insegurança psicológica que têm os seus desenhadores que não se limitam simplesmente a criar um bom candeeiro, mas necessitam também assinar aquilo que fazem, necessitam que junto ao bom candeeiro se vejam também a eles próprios.” (Quetglas, 1999: 24-5)



Fig.04



Fig.05



Fig.06

Fig.04, 05 e 06 | Fotografias do trabalho sobre Rua de Santa Catarina - "Arquitecturas Invisíveis", Cadeira de Semiário II. Autoria: José Carlos Santos; Ricardo Vaz; Eurico Almeida. Maio de 2004

Luz; Sombra; Sol; Chuva; Peão; Automóvel;  
Amarelo; Vermelho; Ritmo; Textura; Folhas;  
Bancos; Caixotes; Postes; Candeeiros;  
Posters; Papel; Madeira; Ferro; Pedra; Azul;  
Autocarro; Densidade; Planos; Cores; Pretos;  
Branco; Portugueses; Chineses; Plural;  
Singular; Antenas; Outdoors; Publicidade;  
Marketing; Psicologia; Pobreza; Animal;  
Riqueza; Rua; Espaço; Circulação;  
Pavimento; Sinos; Sons; Graves; Agudos;  
Sentado; Andar; Bicicleta; Diálogo; Ruído;  
Vender; Comprar; Descansar; Correr; Saltar;  
Cinzento; Água; Silêncio; Vazio; Cheio; ...

## Referència Bibliogràfica

Quetglas, Josep (1999). "Entrevista a Josep Quetglas".  
In: *Documentos de Arquitectura*, N.º 2: 24-5.